



Amores depois de “Abril”: os benefícios da Democracia

Um relato em primeira pessoa

Agostinho Domingues*

Legitimamente se espera dum cronista o devido distanciamento em relação com os acontecimentos narrados. Lamento, no entanto, que o leitor não possa contar com total objetividade no caso deste texto. Já Fernão Lopes, no prólogo da Crónica de D. João I, advertia quanto às possíveis causas da falta de isenção: “Assim que a terra em que os homens por longo costume e tempo foram criados gera uma tal conformidade entre o seu entendimento e ela que, havendo de julgar alguma sua coisa, assim em louvor como por contrário, nunca por eles é diretamente recontado (...)”.

Com efeito, nascido em S.ta Maria de Bouro, a uma escassa centena de metros do mosteiro cisterciense, e tendo desempenhado funções autárquicas como vereador da Câmara municipal entre 1976 e 1989, vivi com demasiada intensidade os problemas do concelho para me manter impassível na análise. O leitor apenas será, porventura, compensado da carga de subjetividade e da afeição de que falava o Cronista nacional pelas vantagens de um testemunho mais direto e mais próximo.

Em quatro décadas de Democracia são palpáveis os progressos do Concelho. Não admira, pois, que comece por recordar a atmosfera da transição do Estado Novo para a Liberdade.

Nas actas das reuniões da Câmara municipal de Amores, nos meses seguintes à Revolução de Abril, não se encontra qualquer registo de saudação à restauração da Democracia. Na reunião de 28 de Maio, o vereador P.e Albino Alves exprime “o desejo sincero de que a nova Câmara (...) leve a bom termo e a todas as populações do Concelho de Amores o progresso tão almejado”. Em seguida, a Câmara acusa a recepção do Diário do Governo, informando que foi comunicado o Programa do Governo Provisório e respetiva orgânica. O Executivo camarário, presidido por Paulo Barbosa de Macedo, limita-se a registar friamente a mudança de régimen político.

De órgãos colegiais de nomeação central, da confiança do Estado Novo, não se podia esperar regozijo por uma mudança política que visava confiar às populações a faculdade de elegerem os seus representan-

* Licenciado em Filologia Românica pela Universidade de Coimbra. Mestre em Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade do Minho. Doutorado em História Moderna pela Universidade do Porto.

◀ Monumento da Praceta do Autarca - Amores



▲ José Vieira de Barros (Comissão Administrativa designada em 21/11/1974)



▲ José Pereira da Silva (Comissão Administrativa de 13/07/1976)

▶ Amares antes de 1974 - Fotografia de Armando Martins (1970)

tes a partir do confronto de ideias e de programas em debate democrático. O regime de partido único, em que se encontravam inscritos uns por convicção, outros por oportunismo, com o controlo fraudulento dos cadernos eleitorais, havia de resistir, em Amares como em muitos outros concelhos do País, à implantação da Democracia. Candidato em eleições sucessivas, a partir de 1976, experimentei pessoalmente sérias resistências, em actos eleitorais, à garantia do sigilo e liberdade de voto dos eleitores. Muitos amarenses eram controlados, no exercício de voto, por caciques locais altamente comprometidos com a Ditadura do Estado Novo. Liderando a lista do Partido Socialista à Câmara municipal, em 1976, fui eleito como único vereador socialista numa Câmara de maioria relativa do CDS, partido que elegeu o presidente e um vereador, cabendo dois outros vereadores ao PPD. O partido vencedor, embora contasse com um presidente não filiado - Tomé Macedo -, era a força política claramente conotada com o regime anterior. Impunha-se privilegiar na acção a criação de condições que assegurassem a livre expressão de ideias e o exercício dos princípios democráticos. Podia-se contar com as convicções democráticas dos eleitos do PPD - Ferreira de Andrade e Octávio Machado - e com o esforço de demarcação do presidente relativamente às orientações do CDS. Funcionava uma aliança tácita entre o eleito do PS e os eleitos do PPD. Confirma essa aliança a eleição do vice-presidente da Câmara: foi eleito, por voto secreto, Octávio Machado, em detrimento de Carlos Alberto Barbosa de Macedo, proposto pelo CDS. *Tantae molis erat libertatem reddere genti!* (Quão difícil era devolver ao povo a liberdade!), para parafrasear a Eneida de Virgílio¹.

É de elementar justiça fazer uma referência à Comissão administrativa da Câmara municipal no período de transição para as eleições autárquicas. A Comissão foi presidida pelo prestigiado Conservador do Registo Predial José Vieira de Barros, sendo integrada por José Pereira da Silva, João de Deus A. Martins de Almeida, José Ferreira de Andrade e Belmiro Dias de Carvalho. Coube-lhes a tarefa de gerir o Concelho no difícil período revolucionário.



1 *Tantae molis erat Romanam condere gentem* (Tal a ingente tarefa de fundar o povo romano): (En. I, 33).



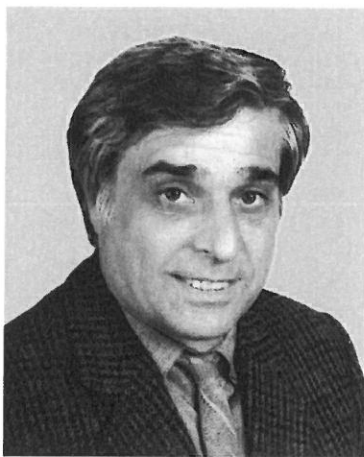
◀ Amares depois de 1974

Não quero encerrar este preâmbulo sem mencionar uma destacada personalidade de Amares, um intrépido combatente pela liberdade, falecido em Janeiro de 74, não tendo assim podido fruir da luz da madrugada libertadora pela qual se batera intransigentemente. Estou a falar do sacerdote e professor do Ensino Elementar Oficial, Padre Francisco Antunes de Almeida. Imbuído dos mais elevados valores republicanos, a sua participação aberta no apoio à candidatura democrática de Norton de Matos à Presidência da República, em 1949, valeu-lhe a demissão compulsiva do Ensino Oficial. Tive o privilégio de ser seu aluno exatamente no ano da despedida. Em Bouro, a nossa comum terra natal, era ele uma voz minoritária, mas altamente respeitada da Oposição Democrática nacional. Democrata, contrastava com a imponente figura do pároco Padre Lago e Costa, igualmente bourense, em quem tive também um grande amigo, e que era um salazarista convicto. Nessa altura, nos meus dez anos de idade, causava-me viva impressão a barreira ideológica entre os dois insignes sacerdotes. Não duvido de que a minha posterior evolução ideológica muito ficou a dever à perturbação do meu espírito juvenil em face do contraste entre duas personalidades que me suscitavam grande admiração. O Padre Francisco de Almeida, entretanto nomeado Capelão do Santuário da Senhora da Abadia, e, posteriormente, refugiado na sua Casa do Cruzeiro, não esmoreceu na luta pela Democracia. No seio da Oposição Democrática, merece relevo a sua participação na campanha eleitoral de Humberto Delgado, em 1958. O notável escritor bracarense Fernando Pinheiro insere-o na 2.^a edição do seu romance *A Forasteira*. No enredo romanescos, contrasta com a figura ficcional do Padre Celestino, pároco de Longos Vales (topónimo fictício), o qual, por intuição do romancista Fernando Pinheiro, bem pode representar, no seu ideário e na sua personalidade, o então arcepreste Lago e Costa.

A análise destes 40 anos de vida democrática do Concelho de Amares há-de requerer de um futuro investigador uma pesquisa mais



▲ Busto de homenagem ao Padre Francisco Antunes de Almeida - Bouro (Santa Maria).
Na lápide lê-se:
Pe Francisco Antunes de Almeida
Cidadão deste concelho
Lutador pela Liberdade
19-08-1880 / 23-01-1974



▲ Tomé Macedo - Presidente da Câmara Municipal de Amares (1977-1989 / 1994-2001)

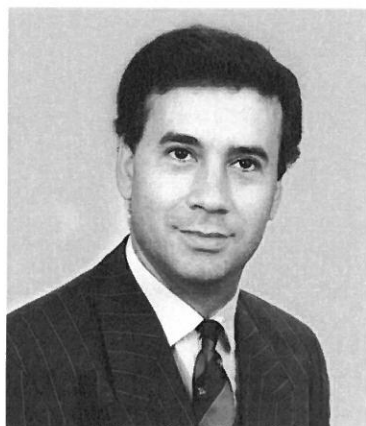
aprofundada. Não tenho a pretensão de fornecer agora mais do que uma modesta achega, que possa servir de base a uma crónica mais rigorosa e alargada.

Pareceu-me ser útil ouvir os principais protagonistas da vida autárquica amarense no pós-25 de Abril, os presidentes da Câmara Municipal: Tomé Macedo, José Carlos Barbosa de Macedo e José Barbosa, aos quais solicitei a fineza dum sumário das obras concelhias realizadas sob a respetiva presidência. Aqui deixo expressa a minha gratidão por prontamente terem correspondido ao meu pedido. A síntese a que procedi é certamente defeituosa, mas tive a preocupação de não ser discriminatório. Afastado da vida autárquica amarense desde 1989, naturalmente me passam despercebidos muitos dos novos protagonistas. De qualquer forma, mencioná-los todos seria incomportável para a dimensão deste texto.

As necessidades básicas das populações

Eram enormes as carências em estruturas básicas nas 24 freguesias do Concelho: água, luz, saneamento, caminhos vicinais, cemitérios, escolas do ensino elementar, etc. Nos mandatos de Tomé Macedo, eleito sucessivamente pelo CDS, AD, PS e, intercaladamente, pelo PSD, e de José Carlos Barbosa de Macedo, destacam-se as obras tendentes à satisfação de necessidades básicas das populações: captação de água no Rio Homem; saneamento nas principais freguesias do Concelho (Amares, Ferreiros, Prozelo, Carrazedo, Figueiredo, Caires); saneamento e abastecimento de água nas termas de Caldelas; cobertura de rede elétrica em todas as 24 freguesias; nova central elevatória de águas no Rio Cávado; construção e/ou ampliação de cemitérios na maioria das freguesias; abertura e execução do *Caminho* Municipal (CM) 1258 de Figueiredo-Dornelas; abertura do estradão Seramil-S. Bartolomeu, em S.ta Marta de Bouro; pavimentação do CM 1234, em Fiscal; construção do CM 1237, em Goães; construção do CM em Urjal-Seramil; retificação do CM 1247-1, em Paço (igreja) de Lago e do CM 1247, de Lago a Rendufe; construção da rede de saneamento na estrada de Abadia e construção da rede de saneamento em Bouro S.ta Maria.

A grande maioria destas obras realizou-se ou foi projetada nos primeiros mandatos de Tomé Macedo. Uma tão vasta gama de necessidades exigiu a colaboração empenhada de muita gente. Em todas as freguesias houve cidadãos que ficaram no anonimato, mas que permanecem na memória dos beneficiados pelo progresso alcançado. Dos meus treze anos de vereador da Câmara guardo particular recordação de presidentes da junta, de diversos quadrantes partidários, que serviam generosa e desinteressadamente as populações que representavam. Tanto nas sessões públicas da Câmara como nos contactos nas respetivas freguesias batiam-se pela realização de obras urgentes. Quando se impunha vencer resistências ilegítimas ou conciliar interesses em conflito, era proporcionado um salutar confronto nas sessões camarárias. Na escolha de terrenos para novas escolas primárias e jardins



▲ José Carlos Barbosa Macedo - Presidente da Câmara Municipal de Amares (1990-1993)



▲ José Barbosa - Presidente da Câmara Municipal de Amares (2001-2013)

de infância, na abertura de caminhos, no alargamento de cemitérios etc., foi possível contar com a colaboração dos presidentes da junta na ultrapassagem de obstáculos levantados pelos proprietários. Assim, por exemplo, a construção de escolas há muito projetadas e reunindo as melhores condições pela sua localização puderam concretizar-se sem necessidade de recorrer a expropriações. Podemos ver nos resultados descritos nos relatórios internacionais relativos ao progresso da educação em Portugal nos últimos tempos um reflexo do salto qualitativo em infraestruturas educativas como as realizadas em Amares.

As obras básicas são menos visíveis, embora se revistam da maior importância para as populações. As obras mais vistosas só se tornam possíveis depois de garantidas as necessidades básicas.

Satisfação de outras necessidades das populações

Enquanto davam resposta a solicitações mais prementes, os eleitos autárquicos não descuidavam a elaboração de projetos que exigiam um faseamento mais alargado no tempo. Muitos dos projetos elaborados nos mandatos de Tomé Macedo e de José Carlos de Macedo (1) só viram a sua plena concretização nos mandatos (3) de José Barbosa. Muitas dessas obras prolongaram-se por vários mandatos. Merecem especial menção as seguintes: nova central elevatória de água do Rio Cávado; restauro das piscinas de Caldelas; abertura e pavimentação de estradas municipais; requalificação do Largo do Terreiro de Bouro, do Largo de D. Gualdim Pais, em Amares, do Largo do Paço, em Lago, do Parque das Termas de Caldelas e da Avenida Afonso Manuel, em Caldelas; construção do Posto de Turismo de Caldelas; construção da Avenida do Centro escolar, em Caldelas; construção do Centro Interpretativo da Jeira; pavimentação do CM 1234, em Fiscal; execução e construção da concordância da estrada municipal 567 a Rendufe; acesso à igreja de Fiscal; construção das seguintes acessibilidades: Rendufe-Bico, Caldelas-Paranhos, Goães-Vilela, Vilela-Paredes Secas, Largo do Paço (Lago)-S.ta Marta, Largo do Paço (Lago)-igreja (Rendufe); CM 1255-Caires; beneficiação em caminhos municipais em todas as freguesias; transação do imóvel e recuperação do Mosteiro de S.to André de Rendufe; construção da Etar de Caldelas; construção do reservatório de Besteiros para abastecimento de água à vila e abastecimento de Besteiros; construção do reservatório de Pilar; construção da adutora de Casinhade, em Caires; construção dos reservatórios de Sernadela e de Portela; abastecimento de água ao lugar do Monte, em Besteiros; rede de abastecimento de água, em Caires e Caldelas; construção do loteamento da Quinta do Paço e do Assento, em Ferreiros; construção do campo de futebol, em Besteiros.

Referência mais extensa merecem as construções dos centros escolares (Amares, Bouro, Caldelas, Ferreiros, Lago e Rendufe), enquanto satisfação dos objetivos nacionais definidos pelo Ministério da Educação.

Obedecendo a princípios pedagógicos nacionais da criação de melhores condições para a formação pessoal e cívica de educandos e alunos, privilegiando a sociabilização, os centros escolares proporcionam maior interdisciplinaridade, ao serviço duma formação integral, melhor aproveitamento da diversificada especialização docente, alargamento relacional quer entre educandos ou alunos entre si quer entre educadores e professores, a nível profissional e geracional.

Os eleitos autárquicos tiveram de vencer resistências das populações, defensoras da escola como um dos núcleos centrais da velha freguesia.

Os centros escolares traduzem uma nova visão do país e uma aposta nas novas gerações. Impõe-se agora implementar novas políticas de equilibrado desenvolvimento regional que permitam minorar ou mesmo inverter a desertificação das zonas do interior. A concentração de serviços públicos, quando motivada por valores objetivos humanistas, há-de desafiar agora a imaginação para construir um país digno da herança do património histórico nacional e, ao mesmo tempo, capaz de corresponder ás exigências da globalização no quadro dos melhores valores humanistas.

Bom exemplo de rentabilização duma escola abandonada por força de novas orientações pedagógicas é a escola de Paradela de Frades em Santa Maria de Bouro. Criada nos anos 60 para poupar a crianças subalimentadas uma deslocação diária a pé de cerca de 5 Km, justificouse agora o seu encerramento devido ao reduzido número de alunos e ao abrigo das razões pedagógicas apontadas. Mas a população de Paradela de Frades não ficou a chorar sobre o leite derramado. Foi criada uma associação cultural e recreativa, com sede no edifício escolar, a partir de protocolo negociado com a Câmara Municipal. A Associação, que integra nas suas atividades a festividade local do culto a S. Bento, venerado da sua velha capelinha, pode e deve suscitar benéfica emulação de quantos queiram corresponder aos desafios dos novos tempos.

► Centro Escolar de Bouro
Bouro Santa Maria



Uma nova configuração do Concelho

A realização de infraestruturas e de obras de primeira necessidade, em que convergiram os esforços dos eleitos autárquicos e de muitos cidadãos anónimos do Concelho, embora tenha sido da maior importância, tende a ficar no esquecimento. Passo agora a referir aquelas obras que deram uma nova configuração ao Concelho, constituindo bons polos de atração turística. São obras realizadas pelo poder central em estreita ligação com o Município.

1. Pousada do Convento de S.ta Maria de Bouro

O secular convento cisterciense, votado ao abandono a partir da extinção das ordens regulares masculinas em 1834, reclamava obras urgentes que impedissem a total ruína. Houve que começar por adquirir os terrenos anexos ao convento, o que passava por negociações com o proprietário privado. A partir daí foi longo o processo de recuperação, que culminou na construção da atual pousada.

A Pousada de S.ta Maria de Bouro, com 32 quartos, restaurante e bar, é uma obra-prima da arquitectura moderna, da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura. Nela se concilia a memória histórica com a utilidade de serviços disponíveis. Respeitou-se, no essencial, a traça original. A revista “Evasões”, no seu número 19, de 2 de Novembro de 1999, num artigo da autoria de Rosário Sá Coutinho, com fotografias de Jozef Kotowicz, pp. 96 a 110, destaca a importância da nova pousada. Transcrevo, com a devida vénia, algumas das suas afirmações:

«Quando a equipa do arquiteto Eduardo Souto de Moura aqui chegou, já só havia a ruína. Sobravam apenas as grossas paredes de granito mantendo de pé a dignidade de outros tempos (...). O projeto deixou falar as ruínas, considerando que estas “são mais importantes que o ‘Convento’ propriamente dito, já que são material disponível, aberto, manipulável, tal como o edifício o foi durante a história (...)”. Tal como outrora, toda a vida do novo “cenóbio” se desenrola à volta do claustro».

S.ta Maria de Bouro, na sua relação com os primórdios da nacionalidade, agora promovida à categoria de vila², oferece aos visitantes uma oportunidade única para apreciarem uma obra-prima de arquitectura, em ligação com o valioso património histórico nacional. Impõe-se expressar aqui o reconhecimento à memória duma figura nacional, que se empenhou na reconstrução do Convento: Dr. João Palma-Ferreira, enquanto diretor do Instituto Português do Património Cultural. Grande admirador dos Conventos de Bouro e de Rendufe, proporcionou uma visita ao Concelho do então presidente da República Doutor Mário Soares.



▲ Pousada do Convento de Santa Maria de Bouro

² Evoco aqui a saudosa memória de Abílio de Deus Machado, falecido a 26 de dezembro de 2013, grande impulsionador do progresso da freguesia, a quem cabe o mérito principal da elevação a vila.

- Visita de Mário Soares ao convento de Santa Maria de Bouro
Foto Kim



2. Novos Paços do Concelho, Palácio da Justiça, Conservatório do Registo Civil e Predial e Secção de Finanças.

Trata-se dum edifício emblemático do regímen democrático. A história da sua implantação merece registo para memória futura. Impunha-se aos responsáveis autárquicos a tarefa de esbater velhos antagonismos entre as freguesias de Amares e Ferreiros. O excesso de bairrismo adiava a realização de bons projetos reclamados pelas populações. Daí nasceu a preocupação de construir um novo edifício dos Paços do Concelho na fronteira entre as duas freguesias. Foi assim que a sede de Concelho passou a abranger uma parte essencial de Ferreiros. A nova construção, integrando vários serviços, é, simultaneamente, o símbolo da ultrapassagem da rivalidade das gerações anteriores.

- Paços do Concelho - Amares





▲ Palácio da Justiça - Amares

3. A Escola Básica 2/3 e a Escola Secundária de Amares

A Escola Básica já funcionava, embora em instalações precárias. O mérito da Câmara consistiu em disponibilizar terreno para a construção definitiva e em aproveitar uma oportunidade de verbas da Comunidade Europeia. Também neste caso a rivalidade entre Amares e Ferreiros adiou a concretização do projeto. Amares teve que ceder aos argumentos de Ferreiros, dadas a oferta de terreno e a localização mais adequadas aos objetivos da Educação.

A criação da Escola Secundária representou um marco valioso na prestação de serviços às populações. Tornando possível o acesso ao ensino secundário a mais cidadãos, contribuiu decisivamente para elevar o grau de escolaridade dum maior número de jovens. Nesse sentido, a Escola Secundária de Amares é um dos mais notáveis emblemas do “25 de Abril” em Amares.

4. Criação e construção da Escola Profissional

A unificação do ensino secundário, no pós-25 de Abril, teve como consequência imediata o abandono pelas escolas comerciais e industriais de cursos tendentes ao ingresso numa profissão de acesso à vida activa. Urgia colmatar o vazio criado. As escolas profissionais vieram responder ao novo desafio. E a Escola Profissional de Amares vem correspondendo a esses objetivos.

5. Biblioteca Municipal Francisco de Sá de Miranda

Aproveitando o velho edifício dos Paços do Concelho, no coração da freguesia de Amares, o Município ergueu uma nova construção do maior significado. Tendo como patrono Sá de Miranda, uma figura nacional de primeira grandeza, a Biblioteca é um símbolo eloquente da vontade em manter vivos os valores do passado e em conceder à cultura papel relevante numa melhor cidadania e num progresso enformado pelo humanismo.

Apraz-me registar que a criação da biblioteca municipal de Amares atravessou os vários mandatos concelhios. Com a aprovação do projeto ainda no tempo de Tomé Macedo, teve a sua inauguração no último mandato de José Barbosa, em inauguração condigna. O roteiro turístico de Amares ficou deveras enriquecido com este empreendimento. Mas o grande objetivo, que está a cumprir-se, é o de contribuir para a formação de cidadãos mais livres e mais empreendedores, graças à oferta de uma mais-valia cultural.



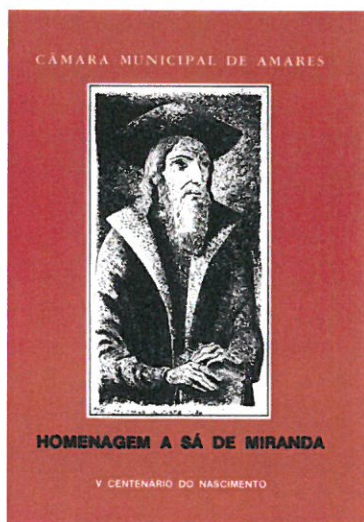
▲ Biblioteca Municipal Francisco de Sá de Miranda - Antigos Paços do Concelho - Amares

6. Sá de Miranda em Amares

Sá de Miranda, o “Poeta do Neiva”, tendo desposado a amarense D. Briolanja de Azevedo, do Solar da Casa de Crasto, em Carrazedo, com ela adquiriu a Quinta do Bárrio, em Fiscal. Viria a ser sepultado na igreja de Carrazedo, nas imediações do Solar de Crasto, então na posse dos Machados, sucessores dos Azevedos, onde tinha pedido e recebido a mão da noiva. Ficou assim para sempre vinculado ao Concelho de Amares, então denominado Entre-Homem-e-Cávado.

Em 1987, a Câmara municipal, sob a presidência de Tomé Macedo, por minha iniciativa enquanto vereador, e com o apoio unânime de todos os vereadores - Agostinho Domingues, Manuel Aarão de Sousa, Francisco Araújo, Paulo Barbosa de Macedo, Ferreira de Andrade e Francisco Alves - promoveu solenes comemorações do V centenário do nascimento do Doutor Francisco de Sá de Miranda. Com a colaboração de escolas concelhias, a obra do ilustre Poeta foi divulgada entre as gerações mais novas, através da realização de vários eventos, com destaque para iniciativas nas escolas, um espetáculo teatral pela Companhia de Teatro de Braga, a cargo do encenador e actor Rui Madeira, e a execução pelo Coral Porta Nova, sob regência do maestro Doutor Sousa Fernandes, duma canção petrarquista mariana, da autoria de Sá de Miranda, com música inédita do jesuíta P.e Manuel Simões. A obra de Sá de Miranda, devidamente selecionada com objetivos didáticos e pedagógicos, numa minha publicação, foi integralmente subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian, graças à mediação do ilustre académico Prof. José de Pina Martins, o investigador que mais exaltou o Poeta do Neiva.

Amares do pós-25 de Abril deu assim justo destaque a tão singular



▲ Capa do livro Homenagem a Sá de Miranda - V Centenário do Nascimento

personalidade nacional. O concelho de Vila Verde, em cuja freguesia de Duas-Igrejas residiu entre 1530 e 1552, e onde escreveu a maior parte da sua obra, veio posteriormente a associar-se às comemorações dos 450 anos da morte de Sá de Miranda (1558-2008). Os dois concelhos, que legitimamente se reclamam da “herança” mirandina, devem elaborar um roteiro turístico entre o Rio Neiva e a Quinta da Tapada, passando por Carrazedo, procurando divulgar a beleza das paisagens bem como o património histórico e literário de Sá de Miranda.



◀ Quinta da Tapada - Fiscal
Fotografia de Moisés Soares

7. As vias de Cintura de Ferreiros-Amares e de Caldelas

Quem se lembrar das antigas dificuldades de trânsito na entrada e saída da sede do Concelho e na vila termal de Caldelas, reconhecerá o alcance das duas vias de Cintura. Sendo de indiscutível interesse para os utentes motorizados, a sua visibilidade confere-lhes especial relevo na configuração do Concelho.

8. Três amarenses com projeção nacional:

António Variações, nome artístico de António Joaquim Rodrigues Ribeiro, Vergílio Alberto Vieira e António da Silva, nacionalmente conhecido como Chefe Silva.

Estamos perante três personalidades muito distintas, que se tornaram figuras públicas no pós-25 de Abril.

António Joaquim Rodrigues Ribeiro, conhecido pelo nome artístico de António Variações, nasceu na freguesia de Fiscal, em 1944,



▲ Busto de António Variações - Fiscal
Arquivo fotográfico da CMA



▲ Vergílio Alberto Vieira
Fotografia de Alfredo Cunha

concelho de Amares, e falecido em 1984, foi um cantor popular, autor de composições musicais e de letras populares, que se tornou célebre na capital. As suas composições brotam da alma do povo. A jornalista Manuela Gonzaga elaborou uma sua biografia, reconstituindo-lhe o percurso profissional (barbeiro e cabeleireiro unissexo) e artístico³. A jornalista, que o conheceu pessoalmente, refere-se-lhe como “um dos ícones dos anos 80, simultaneamente aceite pela elite de Lisboa e pelas gentes dos bairros populares” (p. 215). E mais adiante acrescenta: “Há uma comunicabilidade muito grande na música dele, que era também comunicabilidade na sua forma de se relacionar com os outros. Pelo menos da minha experiência, enquanto ouvinte, perante o quase ídolo” (p. 217). Nunca se desligou das suas origens amarenses. Um busto em Fiscal, a terra que se orgulha deste ilustre amarense, perpétua a sua memória.

Enquanto Vergílio Alberto Vieira, até pelo nome próprio (*Vergílio*, grafado com *e*, na evocação erudita do poeta mantuano), representa a intelectualidade, António Variações é um produto genuíno da ruralidade minhota, embora moldado pela urbanidade mais extravagante. Apontado este contraste entre as duas personalidades amarenses, cabe agora mencionar expressamente este insigne intelectual ainda em plena pujança criativa.

Vergílio Alberto Vieira, nascido em Amares em 1950, é poeta, ficcionista e crítico literário, nacionalmente consagrado. Autor duma vasta obra literária, tem nome garantido na História da Literatura Portuguesa. A sua criação literária, em poesia e em prosa, estende-se por diversos domínios: narrativas para crianças e adolescentes, lirismo poético, ensaio, diário, teatro, crítica literária. A par da sua atividade profissional como docente, vem consolidando uma obra literária notável, num contributo de grande valia para o enriquecimento do património linguístico português.

António da Silva, conhecido como “Chefe Silva”, nasceu na freguesia de Caldelas, concelho de Amares, em 1934. Aos 19 anos inicia a sua carreira profissional na culinária, passando pelos melhores hotéis de Lisboa. Viria a tornar-se uma figura pública na divulgação da cozinha tradicional portuguesa. Foi fundador e diretor técnico da revista *TeleCulinária*. Autor e apresentador de programas de televisão, editou vários livros de gastronomia, tendo sido um dos fundadores e presidente da Associação de Cozinheiros e Pastelheiros de Portugal. Foi formador na Escola de Hotelaria e Turismo do Porto e membro de várias confrarias gastronómicas. Premiado várias vezes pelos serviços prestados, recebeu a Medalha de Mérito Turístico, grau prata, pelo Turismo de Portugal. A sua notável competência profissional, associada ao talento de grande comunicador, atraíram a atenção dos jornalistas. Amílcar Malhó traçou-lhe a biografia. Daí resultou, nas Edições Plural, em 2008, a obra *74 anos de vida intensa. Chefe Silva, o Senhor Tele Culinária*. Para além dos dados biográficos acabados de assinalar, Amílcar Malhó fornece testemunhos pessoais dele próprio e de figuras públicas



▲ Chefe Silva
Arquivo fotográfico da CMA

3 Manuela Gonzaga – *António Variações, entre Braga e Nova Iorque*, Lisboa, Âncora Editores, 2006.

que privaram de perto com o nosso ilustre conterrâneo, presentemente a desfrutar de merecida reforma. Em “Nota de apresentação”, o editor das Edições Plural não hesita em afirmar que o Chefe Silva é “o mais conhecido de todos os cozinheiros portugueses”, adiantando que deste livro de homenagem “emanam afectos, emoções, carinho, que resultam de uma vida feita a pensar nos outros, no respeito que lhes é devido, no gosto de lhes agradar, no desejo de estar bem com eles.” Por sua vez, Amílcar Malhó confirma as referências elogiosas do editor: “Não ouvi dos entrevistados uma única palavra de azedume ou de mágoa em relação a ele. Escutei, isso sim, depoimentos com tanta emoção e carinho que me comoveram”. De entre os muitos testemunhos de apreço por Chefe Silva recolhidos por Amílcar Malhó, destaco o de Luísa Calado, subdiretora do programa do Centro de Produção do Norte da RTP: “É uma figura de uma grande nobreza, de uma educação extraordinária e de uma lealdade inigualável.” Como síntese do perfil do famoso cozinheiro amarense, retenham-se as palavras do autor da biografia: “As qualidades humanas e o trato social que tem praticado ao longo da vida permitiram-lhe conquistar admiração e simpatias, que, em muitos casos, se transformaram em sinceras e fortes amizades” (p. 91). Em face de depoimentos tão convincentes sobre a personalidade profissional e humana de Chefe Silva, compreende-se que as autarquias de freguesia (Caldelas) e municipal (Câmara e Assembleia de Amares) oportunamente lhe tenham prestado significativas homenagens, avultando a perpetuação do seu nome numa rua de Caldelas.

In memoriam

Concluo o meu depoimento com a evocação da memória de Domingos Maria da Silva e de Castro e Sousa.

Domingos Maria da Silva, autor da monografia do Concelho, foi o investigador a quem se deve a caracterização de Amares anterior à Revolução de Abril. É a referência imprescindível até para avaliar as transformações operadas. Amares (como Terras de Bouro, cuja monografia também publicou) tem uma dívida indiscutível para com a sua memória. Natural de S. Paio de Seramil, é um dos mais ilustres filhos de Amares.

A evocação de Albano de Castro e Sousa reveste-se para mim dum cunho mais pessoal, por ter privado mais de perto com a sua pessoa. A sua quinta do “Solar das Bouças”, em Prozelo, foi o exemplo do empresário inovador e empenhado no progresso do Concelho. A Câmara municipal, em reunião de 5 de Junho de 1979, relata uma visita do Executivo camarário à propriedade produtora de vinho verde branco, acentuando “o alcance concelhio do empreendimento, não só por ser aplicada a mais avançada tecnologia, mas sobretudo pela visão patriótica e social do Senhor Castro e Sousa, que visa fazer da sua propriedade uma espécie de sala de visitas do Concelho e um exemplo condigno para explorações congêneres, que, primando pela qualidade ímpar dos seus produtos, resista a qualquer concorrência do mercado”. E o texto,



▲ *Teleculinária e doçaria*. Revista semanal de cozinha e doçaria, n.º 137, dir. Chefe António Silva, 1979.



▲ Brasão do Solar das Bouças - Prozelo

aprovado pelo presidente e por toda a vereação, remata com o reconhecimento dos “raros dotes de homem e de empresário” do Senhor Castro e Sousa. O seu exemplo foi um excelente estímulo a outros produtores, tendo contribuído para que o Concelho de Amares se consagrasse como bom produtor de vinho verde branco de qualidade. Castro e Sousa foi ainda anfitrião do Presidente da República, Doutor Mário Soares, numa visita ao Concelho, que teve como principal objetivo fazer avançar o projeto da Pousada de Bouro, acima mencionada.

► Solar das Bouças - Prozelos



Concluindo

Há portugueses da minha geração e da geração imediatamente anterior que, dotados de memória curta, esqueceram o atraso do Concelho antes do “25 de Abril”. Por sua vez, as gerações posteriores não conheceram a triste e pobre realidade desses tempos sombrios. Mas há ainda os que resistem à evidência dos factos: são os “bota-abaxistas”, sempre prontos em evidenciar apenas os erros e as desgraças, fechando os olhos e os ouvidos às manifestações de progresso. Por minha parte, não pretendo ignorar as deficiências, as omissões, os erros cometidos. De qualquer forma, o saldo de 40 anos de Democracia é positivo. Importa reconhecer o papel dos Partidos políticos, bem como o dos cidadãos independentes. Das novas gerações apenas se reclama que façam melhor. E, sobretudo, deseja-se-lhes que sofram menos do que a minha geração e as gerações anteriores.